ESPECIAL
PLACAR
50 Times do FLAMENGO
As melhores formações da história
www.placar.com.br
R$ 3,40 • 12653/1 Ed. 1157
ISSN 1415-2401
9 771415 240008
FOTOS RODOLPHO MACHADO E EDUARDO MONTEIRO
Abril

1912 O filho do Fluminense

Alberto Borghert foi o líder do levante que deu origem ao primeiro time de futebol do Flamengo (até então, um clube apenas de regatas). Com o Borghert, quase toda a equipe do Fluminense virou a casaca. Na estreia (3 de maio de 1912), o rubro-negro venceu o Mangueira, 16 x 2. A camisa ganhou o apelido papagaio-de-vintém, pois parecia com os papagaios (pipas) que eram vendidos a esse preço.

Em pé: Píndaro, Gilberto, Galo, Baena, Nery e Coriolano.
Sentados: Baiano, Arnaldo, Amarante, Gustavinho e Borghert

1914 Troca de camisas

A derrota do primeiro Fla-Flu (2 x 3, em 7 de julho de 1912) aposentou a camisa quadriculada. O novo uniforme, com faixas rubro-negras separadas por um friso branco, foi logo chamado de cobra-coral. Com ele, o clube faturou o bi carioca em 1914/15. Mas com a Primeira Guerra [illegible]

Em pé: Baema, Píndaro, Nery, Coriolano, Sidney Pullen e Galo. Sentados: Baiano, Gumercindo, Borghert, Riemer e Raul

1927 A força da galera

O Flamengo havia emprestado seu campo para um amistoso do Paulistano, que lutava contra o profissionalismo no futebol. Os dirigentes cariocas não gostaram da atitude e resolveram suspender o rubro-negro por um ano. Só não contavam com a fúria da torcida, que exigiu a volta do clube. Os cartolas recuaram e, mesmo com um time remendado, o Flamengo ganhou o campeonato.

Em pé: Vital, Cristolino, Agenor, Segretto, Flávio Costa, Celso, Benvenuto, Fragoso e Newton. Agachados: Floriano, Couto, Moderato, Rochinha, Egberto e Seabra

1932 Os últimos amadores

Com a introdução do profissionalismo, os atletas corriam atrás das melhores propostas. Quem resistisse aos novos tempos não teria futuro. O Flamengo entrava em seu quinto ano de jejum, o último com um time amador. A campanha, regular (13 vitórias e cinco empates em 22 jogos), não

Em pé: Baianinho, Vicentinho, Darci, Nélson e Cássio. Agachados: Rubens, Flávio Costa e Luciano. Sentados: Moisés, Fernandinho e Bibi

1936 O sofrimento continua

Com os clubes da cidade divididos em dois campeonatos (o da Liga Carioca de Futebol e o da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos), sobraram títulos para todo mundo. Entre 1933 e 1936, Vasco, Fluminense, Botafogo e até Bangu e América comemoraram conquistas. Menos o Flamengo, que completava a nona temporada de jejum. Aqui, curiosamente, aparecem apenas oito jogadores

Em pé: Amado, Fragoso, Élsio, Alemand, Flávio Costa (na época chamado de Alicate) e Moderato. Agachados: Penaforte e Nonô

1939 Quem espera alcança

Depois de 12 anos (maior jejum estadual da história do clube), o Flamengo conquista o campeonato carioca. O time estava recheado de estrelas, como o paredão Domingos da Guia e o atacante Leônidas da Silva, craque da Copa do Mundo de 1938. O ataque rubro-negro fez 67 gols em 24

Da esquerda para a direita: Flávio Costa (técnico), Iustrich, Artigas, Nílton, Domingos da Guia, Volante, Médio, Sá, Valido, Leônidas, Gonzalez e Jarbas

1944 O tri de Zizinho

Foram muitos os heróis do primeiro tri rubro-negro: Domingos da Guia, Vevé, Valido (o autor do gol da vitória no jogo decisivo de 1944 contra o Vasco), o goleiro Jurandir. Mas um jogador, em especial, foi a alma do time. Zizinho chegou à Gávea em 1939 e assumiu o comando da equipe com uma classe fora do comum. Marcou 27 vezes ao longo do tri. Em 1950, no entanto, acabou vendido para o Bangu.

Em pé: Biguá, Domingos da Guia, Jurandir, Nílton, Quirino e Jaime. Agachados: Zizinho, Nilo, Pirillo, Perácio e Vevé

ZEKA ARAÚJO

1953 Aprendiz do Feiticeiro

Só mesmo o técnico paraguaio Fleitas Solich (apelidado de *Brujo,* ou Bruxo) foi capaz de pôr fim a mais oito anos de fracassos. Mestre em armar esquemas táticos que

Em pé: Garcia, Servílio, Pavão, Marinho, Dequinha e Jordan. Agachados: Joel, Rubens, Índio, Benítez e Esquerdinha

1955 O tri foi de quatro

Na decisão de 1955, o Mengo lutava pelo tri contra o América. Uma vitória apertada (1 x 0) e uma derrota por goleada (1 x 4) obrigaram a realização do terceiro jogo. "Dida vai acabar com a defesa deles", profetizou o *Brujo* Solich, ainda no comando. Não deu outra. O time ganhou de 4 x 1. Dida, o maior artilheiro da história do clube até o aparecimento de Zico, fez três gols.

Em pé: Pavão, Chamorro, Servílio,, Tomires, Dequinha e Jordan. Agachados: Joel, Duca, Índio, Dida e Zagallo

1961 Nem Pelé era páreo

Cinco jogos, três derrotas. O mau começo no Torneio Rio–São Paulo apontava um futuro sem perspectivas. Mas um garoto chamado Gérson (que nove anos depois se transformaria no Canhotinha de Ouro da Copa de 70) mudou a história da competição. Sobrou até para o Santos de Pelé, goleado por 5x1. Na última rodada, uma vitória sobre o Corinthians garantiu a faixa.

Em pé: Joubert, Ari, Bolero, Jadir, Carlinhos e Jordan. Agachados: Othon, Moacir, Henrique Frade, Gérson e Babá

AG. O GLOBO

1965 A base do título

A primeira Taça Guanabara foi disputada em 1965, ainda como um torneio separado do Campeonato Carioca. O Flamengo não foi muito longe (deu Vasco), mas já contava com a base que ganharia o título estadual daquele ano. Ele viria com apenas duas modificações em relação ao time da foto acima: saem João Daniel e Fefeu, entram Nelsinho (Nélson Rosa Martins, futuro técnico) e Almir Albuquerque.

Em pé: Murilo, Waldomiro, Jaime, Ditão, Carlinhos e Paulo Henrique. Agachados: Neves, João Daniel, Silva, Fefeu e Rodrigues

1965 Campeão de terra e mar

"Flamengo, Flamengo, campeão de terra e mar", diz a letra do antigo hino rubro-negro. "É meu maior prazer vê-lo brilhar, seja na terra, seja no mar", diz o atual. Justificando ambas as letras, o time conquistou os títulos dos campeonatos estaduais de futebol e remo em 1965, ano do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro (então Estado da Guanabara). Perdeu apenas duas vezes em 14 partidas.

Da esq. para a dir.: Waldomiro, Ditão, Jaime, Silva, Nelsinho, Neves, Carlinhos, Almir, Paulo Henrique, Rodrigues e Murilo

AG. O GLOBO

1966 Água no chope

"Não vai haver volta olímpica", prometeu Almir Albuquerque, o Edmundo dos anos 60, depois que o Bangu fez 3 x 0 na Final do Carioca de 1966. E não houve mesmo. Vendo que a taça não iria para a Gávea, Almir resolveu melar a festa bangüense, saindo no braço com todo o time adversário. "Fui um marginal do futebol", dizia o craque, que morreu assassinado em uma briga de bar em 1973.

Em pé: Murilo, Itamar, Jaime, Valdomiro, Carlinhos e Paulo Henrique. Agachados: Carlos Alberto, Nelsinho, Almir, Silva e Osvaldo

1970 Mengão 70

O time acima tinha Ubirajara, o goleiro-artilheiro que marcou um gol de sua própria área contra o Madureira; o zagueiro paraguaio Reyes; o bravo centroavante Roberto Miranda, emprestado pelo

Em pé: Murilo, Ubirajara, Reyes, Washington, Tinho e Tinteiro.
Agachados: Buião, Liminha, Roberto Miranda,

PAULO NERI

1971 Nasce uma estrela

O garoto loirinho, penúltimo agachado da esquerda para a direita, parecia até mais novo, mas já havia completado 18 anos. Estava estreando naquele ano como titular do Flamengo, time que defenderia 730 vezes, marcando 508 gols como profissional, tornando-se o maior jogador da história do clube. Seu nome: Arthur Anrunes Coimbra, o Galinho de Quintino, o Zico.

Em pé: Ubirajara, Aloísio, Fred, Reyes, Liminha e Paulo Henrique. Agachados: Rogério, Samarone, Zé Eduardo, Zico e Rodrigues Neto

1972 Título made in Mercosul

O paraguaio Reyes e o argentino Doval eram os destaques do time campeão carioca de 1972, que bateu Vasco (1 x 0) e Fluminense (2 x 1) no triangular final. O cabeludo Doval fez 16 gols na campanha e virou ídolo. Discretamente, um tal de Wanderley cumpria seu papel na lateral. Hoje, ele ganhou direito ao sobrenome — Luxemburgo — e virou técnico da Seleção Brasileira.

Em pé: Renato, Chiquinho, Moreira, Reyes, Liminha e Wanderley Luxemburgo. Agachados: Rogério, Zé Mário, Caio, Doval e Paulo César

1973 Papão da Guanabara

O Flamengo chega ao bi da Taça Guanabara, contando com a técnica apurada de Paulo César (futuro Caju) e os gols da dupla Doval/Dario, o Dadá Maravilha. Mas perde o pique depois que o campeonato ficou paralisado por um mês, para uma excursão da Seleção Brasileira à Europa. E o título daquele ano acabou ficando com o Fluminense, que, na Final, bateu o próprio Mengão por 4 x 2.

Em pé: Renato, Moreira, Fred, Chiquinho, Liminha e Rodrigues Neto.
Agachados: Vicentinho, Paulo César, Dario, Doval e Arílson

1974 A afirmação de Zico

Zico estreou em 1971, jogou pouco em 1972 e se tornou titular em 1973. Mas foi com a conquista do título carioca de 1974 que o Galinho se afirmou definitivamente. Além dele, o time que levantou a taça ganhando do América (2 x 1) e empatando com o Vasco (0 x 0) no triangular final já contava com Júnior, Rondinelli, Geraldo e Jaime. Eles ainda dariam muitas alegrias à torcida.

Em pé: Renato, Júnior, Jaime, Luís Carlos, Zé Mário e Rodrigues Neto. Agachados: Paulinho Carioca, Geraldo, Édson, Zico e Julinho

IGNÁCIO FERREIRA

1977 O Capitão na Gávea

Os troca-trocas entre os times do Rio ficaram famosos na segunda metade dos anos 70. Depois de conquistar o campeonato estdual de 1976 pelo Fluminense, Carlos Alberto Torres, o capitão do Tri no México, desembarcou na Gávea para jogar no meio-campo. Depois, deixou o Flamengo para tentar a sorte no Cosmos de Nova York. No Carioca, o time perde a final nos pênaltis para o Vasco.

Em pé: Cantarelli, Toninho, Rondinelli, Carlos Alberto Torres, Wanderley Luxemburgo e Merica. Agachados: Osni, Carpegiani, Luisinho, Zico e Luís Paulo

1978 Vitória do Deus da Raça

O técnico Cláudio Coutinho chegou para colocar ordem na casa. Na final do segundo turno, contra o Vasco, se o time quisesse evitar um jogo extra, não podia empatar. Jogo difícil, 41 minutos do segundo tempo, um escanteio. Rondinelli sobe mais que os adversários e fulmina de cabeça o goleiro Leão. O zagueiro–artilheiro vira para sempre o Deus da Raça e o Flamengo começa, ali, a viver seus melhores momentos.

Em pé: Cantarelli, Cláudio Coutinho, Alberto Leguelé, Manguito, Toninho, Eli Carlos, Moisés, Júnior e Nielsen.
Agachados: Nélson, Rondinelli, Ramírez, Marcinho, Adílio, Tita, Cléber, Zico e Carpegiani

1979 O Rei de rubro-negro

Dois anos depois de se aposentar, Pelé foi o convidado de gala em um amistoso contra o Atlético Mineiro, em benefício dos flagelados das enchentes do sul do país. No dia 6 de abril de 1979, o Maracanã recebeu 140 mil pessoas para ver o Rei com a camisa 10 rubro-negra. Sua Majestade não marcou nos 5 x 1 sobre os mineiros, mas poderia: deixou que Zico batesse um pênalti.

Em pé: Cantarelli, Rondinelli, Toninho, Manguito, Andrade e Júnior.
Agachados: Tita, Zico, Pelé, Carpegiani e Júlio César

1979 Um ano, duas taças

A Federação do Rio organizou o primeiro campeonato incluindo times do interior do Estado. Foram quatro escolhidos, mas os barrados na festa não gostaram. Reclamaram junto ao presidente

Em pé: Nélson, Cantarelli, Rondinelli, Manguito, Toninho, Carpegiani, Júnior, Raul e Andrade. Agachados: Reinaldo, Adílio

1980 Arrancada para Tóquio

Até 1980, o Flamengo nunca ia bem em campeonatos nacionais. E a derrota na terceira rodada contra o Botafogo da Paraíba por 2 x 1, em pleno Maracanã, parecia confirmar esse tabu. Mas com a base do tri carioca e o reforço do centroavante Nunes o técnico Coutinho foi acertando o time. Na final, contra o Atlético Mineiro de Reinaldo, Nunes, o Artilheiro das Decisões, garantiu os 3 x 2 e o título inédito.

Em pé: Andrade, Marinho, Raul, Rondinelli, Carlos Alberto e Júnior. Agachados: Tita, Adílio, Nunes, Zico e Júlio César

RODOLPHO MACHADO

1981 Tetra da Taça Guanabara

A conquista do mundo, que só se daria em 1981, começou pela hegemonia da Taça Guanabara

Em pé: Carlos Alberto, Raul, Rondinelli, Figueiredo, Leandro, Mozer, Marinho,

1981 Pausa para o Carioca

O calendário lotado não deixava tempo para pensar no campeonato estadual. As prioridades, claras, eram a Libertadores e o Mundial. Mas ao vencer a Taça Guanabara, o Flamengo garantiu a presença na decisão. Aí, foi só voltar com força total nas finais contra o Vasco. Carpegiani estreava como técnico e, apesar do cansaço, Zico & Cia. ganharam por 2 x 1, levantando mais um título no melhor ano da história do clube.

Em pé: Raul, Mozer, Marinho, Nei Dias, Júnior e Andrade. Agachados: Lico, Leandro, Nunes, Zico e Adílio

1981 A conquista da América

A Libertadores é uma guerra, e o Flamengo sentiu isso na pele. Passou pela Primeira Fase em um tumultuado jogo-desempate com o Atlético Mineiro, que terminou em 0 x 0 com cinco atleticanos expulsos. Na Final, contra o Cobreloa do Chile, entregou o segundo jogo para os jogadores sairem inteiros de Santiago. Na negra, no Uruguai, falou mais alto o talento de Zico, autor dos dois gols da vitória.

Em pé: Leandro, Raul, Mozer, Figueiredo, Andrade e Júnior. Agachados: Lico, Adílio, Nunes, Zico e Tita

1982 Decisão de arrepiar

Com sete vitórias em oito jogos, a equipe reinou na primeira fase do Campeonato Brasileiro. Duas derrotas, para o Atlético Mineiro e o Sport, quase acabam com o sonho do bi. Mas a sorte e os gols de Zico levaram o Flamengo para mais uma final, desta vez contra o Grêmio. Depois de três jogos de arrepiar, o título só foi decidido com um gol de Nunes, que garantiu a vitória em pleno Estádio Olímpico.

Em pé: Leandro, Raul, Marinho, Figueiredo, Andrade e Júnior. Agachados: Tita, Adílio, Nunes, Zico e Lico

ALEXANDRE BATTIBUGLI

1999 E o vice, quem

O Vasco era o adversário a ser batido. Seu falastrão dirigente Eurico Mi
no comando, Carlinhos usou a velha fórmula de outras conquistas. Rom
final, o Vasco de Edmundo não aproveitou a vantagem do empate. Um

foi?

a dizia: "O título já tem dono, só falta conhecer o vice". Novamente reencontrou seu melhor futebol e foi o artilheiro, com 16 gols. Na do prata da casa Rodrigo Mendes mostrou quem era o vice.

Em pé: Róbson, Leandro Ávila, Vágner, Fabiano, Juan, Pimentel, Fabão, Athirson, Jorginho, Luís Alberto e Clemer. Agachados: Caio, Fábio Baiano, Reinaldo, Maurinho, Romário, Beto e Rodrigo Mendes

1983 Na elite do futebol

Na qualidade de campeão do mundo de 1981, o Flamengo é convidado a participar de um Mundialito de Clubes Campeões, realizado em Milão em junho de 1983. E não faz feio: o time vence a Internazionale (2 x 1), empata com o Milan (1 x 1), vence o Peñarol do Uruguai (2 x 0) e só perde a final para a Juventus de Platini e Paolo Rossi, por 2 x 1.

Em pé: Leandro, Raul, Marinho, Mozer, Ademar, Andrade e Júnior.
Agachados: Robertinho, Adílio, Júlio César e Peu

1981 O mundo é rub

Não seria exagero dizer que os 45 minutos iniciais da final contra o Li
um adversário presunçoso, os tarimbados craques do rubro-negro não
e Nunes, novamente, selou a sorte dos ingleses. O Flamengo conquista

o-negro

l foram os mais incríveis da história do clube. Jogando contra
imidaram. Nunes abriu a festa. Adílio aumentou a vantagem
nundo com um show de bola nos inventores do futebol.

Da esquerda para a direita:
Raul, Andrade, Mozer, Marinho,
Lico, Adílio, Tita, Júnior,
Leandro, Nunes e Zico

1983 Presente de despedida

Naquele 29 de maio de 1983, Zico despedia-se para jogar na Udinese, da Itália. Era a decisão do Campeonato Brasileiro, e, para conquistá-lo pela terceira vez em apenas quatro anos, o Flamengo precisava vencer o Santos por pelo menos dois gols de diferença. O Galinho começou a cumprir sua parte logo aos 40 segundos de partida. Depois, Leandro e Adílio completaram o marcador.

Em pé: Bigu, Raul, Mozer, Marinho, Leandro e Júnior. Agachados: Élder, Adílio, Baltazar, Zico e Júlio César

1984 Tri vice do Rio

Em 1984, o time entrava em campo mais uma vez para a decisão do estadual, contra o Fluminense. Missão: apagar as duas derrotas nas finais dos anos anteriores, contra o Vasco (1982) e o próprio Flu (em 83). Mas deu tudo errado novamente. O tricolor foi senhor do jogo e o carrasco Assis repetiu a dose de 1983, marcando o gol do título. O Mengo era tri vice do Rio.

Em pé: Leandro, Mozer, Jorginho, Andrade, Adalberto e Fillol.
Agachados: Bebeto, Élder, Nunes, Tita e Gilmar

1985 O melhor dos grandes

Depois de inúmeras fórmulas mirabolantes, a Taça de Ouro abre a temporada de 1985 com novidades. Os 20 maiores clubes do país disputariam a primeira fase sem enfrentar os pequenos. O Flamengo conquistou o primeiro turno e garantiu presença na segunda fase, quando se juntou aos times de menor expressão. Mas aí, ficou no meio do caminho. A final foi entre Bangu e Coritiba.

Em pé: Cantarelli, Leandro, Mozer, Jorginho, Andrade e Adalberto. Agachados: Bebeto, Adílio, Chiquinho, Gilmar e Marquinho

1985 De volta para casa

Depois de dois anos longe, Zico recusou convites de grandes clubes, como o Real Madrid, da Espanha, e voltou a vestir o manto rubro-negro. Em 21 de julho de 1985, contra um combinado de amigos, ele fazia sua reestréia. O time ganhou (3 x 1) e o Galinho fez o dele, de falta. Mas em 29 de agosto, contra o Bangu, uma jogada violenta do zagueiro Márcio Nunes voltou a tirar o craque dos gramados.

Em pé: Leandro, Guto, Jorginho, Andrade, Adalberto e Fillol.
Agachados: Tita, Adílio, Chiquinho, Zico e Marquinho

1986 O meio-campo dos sonhos

Zico e Sócrates jogando juntos eram garantia de espetáculo. Bastava lembrar a Copa de 82. O Galinho voltou em julho de 1985 e o Doutor, em setembro do mesmo ano. As contusões de ambos, porém, atrapalharam a dupla, que só jogou junta na abertura do campeonato estadual daquele ano, contra o Fluminense. Maravilhosos 4 x 1 para o Mengo, com três gols de Zico.

Em pé: Leandro, Cantarelli, Mozer, Andrade, Jorginho e Adalberto. Agachados: Bebeto, Sócrates, Chiquinho, Zico e Adílio

1986 O sucessor do Galinho

Sem Zico, Sócrates, Mozer e Leandro — cedidos à Seleção para a preparação da Copa do México —, quem acabou brilhando no campeonato estadual conquistado pelo clube foi o baianinho Bebeto. Contratado em 1983 para substituir Zico, ele comandou a equipe. Na final contra o Vasco, no dia 10 de agosto, um bando de urubus sobrevoou o Maracanã espantando a fase de azar. Deu Mengo, 2 x 0.

Em pé: Leandro, Zé Carlos, Aldair, Jorginho, Andrade e Guto.
Agachados: Bebeto, Adílio, Aílton, Vinicius e Marquinho

1987 O campeão rebelde

Só clássicos, um marketing poderoso e o apoio da opinião pública. Nascia a Copa União, o verdadeiro Campeonato Brasileiro, sem os defeitos impostos pela CBF. O início do Flamengo foi capenga, mas, nas semifinais, Renato Gaúcho entortou o Galo dentro do Mineirão. Contra o Internacional, Zico comandou o rubro-negro rumo ao tetra brasileiro. A CBF, no entanto, considera o Sport como campeão.

Em pé: Leandro, Zé Carlos, Andrade, Edinho, Leonardo e Jorginho. Agachados: Bebeto, Aílton, Renato Gaúcho, Zico e Zinho

1989 Feliz de quem o viu jogar

Tinha que ser num Fla-Flu. Falta na entrada da área, o craque se prepara para o instante mágico. Como em tantas outras vezes, o chute é perfeito. O goleiro tenta mas não alcança a bola. Começava a histórica goleada contra o rival por 5 x 0, que marcava a despedida de Zico em jogos oficiais. O Galinho marcou seu último gol com a camisa rubro-negra, o de número 508, do jeito que mais queria.

Em pé: Zé Carlos, Josimar, Júnior, Rogério e Leonardo. Agachados: Renato Gaúcho, Bujica, Zico, Zinho, Aílton e Luís Carlos

1990 Cerimônia do adeus

Um Maracanã lotado se despede de seu maior ídolo. Zico jogou pela última vez com a camisa rubro-negra em 6 de fevereiro de 1990, contra convidados muito especiais. Além dos companheiros de Flamengo, Rummenigge, Kempes, Valdano, Breitner, Falcão e Taffarel também participaram da festa. O resultado (2 x 2) foi o que menos importou. As tardes de futebol não seriam mais as mesmas.

Em pé: Leandro, Zé Carlos, Fernando, Júnior e Leonardo. Agachados: Renato Gaúcho, Edu Marangon, Aílton, Zico, Bujica e Zinho

1990 Dura realidade

Quem olhasse com atenção perceberia que a camisa 10 tinha outro dono. Ao entrar em campo contra o Campo Grande pelo campeonato estadual, o Flamengo não tinha mais seu comandante Zico. Edu Marangon era a nova esperança. O começo foi bom, mas, depois, ele sumiu, como tantos outros. Os títulos escassearam e até hoje o clube não encontrou um substituto à altura do Galinho.

Em pé: Leandro, Zé Carlos, André Cruz, Fernando, Leonardo e Júnior. Agachados: Luís Carlos, Gaúcho, Renato Gaúcho, Edu Marangon e Aílton

1990 Geração perdida

A geração de ouro do final da década de 70 nasceu na Gávea. Quando o clube venceu a Taça São Paulo de Juniores, no início dos anos 90, parecia que a história iria se repetir. Mas Djalminha, Marcelinho, Marquinhos, Paulo Nunes, Júnior Baiano, Fabinho, Nélio e Rogério foram mal aproveitados. Hoje, estão espalhados pelo mundo, fazendo a alegria de outras torcidas.

Em pé: Fábio Augusto, Piá, Edmílson, Júnior Baiano, Mário Carlos e Adriano. Agachados: Rodrigo, Luís Antonio, Djalminha, Fabinho e Nélio

1990 Atalho da Libertadores

O título invicto na Copa do Brasil valeu uma vaga para a Libertadores. Com Júnior e Renato Gaúcho, o Flamengo não empolgou sua torcida, que pouco ultrapassou a média de 3 mil pagantes nos jogos do torneio. Para ganhar a taça, o rubro-negro atropelou Taguatinga (DF), Capelense (AL), Náutico, Bahia e, na final, o Goiás.

Em pé: Júnior, Zé Carlos, Rogério, Vítor Hugo, Aílton e Piá. Agachados: Renato Gaúcho, Gaúcho, Bobô, Zinho e Uidemar.

1991 Fim do tabu no Rio

O desafio era vencer o Campeonato do Estado do Rio de Janeiro. Afinal, desde 1987, quem mandava no Rio eram o Vasco e o Botafogo, que vinham de dois bis. Depois de 16 vitórias e apenas uma derrota, a equipe encarava o Fluminense na final. A superioridade dos garotos Paulo Nunes, Júnior Baiano e Piá, comandados pelo velho Júnior, ficou clara no marcador: 4 x 2. E fim do jejum.

Em pé: Júnior Baiano, Gilmar, Wílson Gottardo, Piá, Júnior e Uidemar.
Agachados: Charles, Paulo Nunes, Nélio, Gaúcho e Zinho

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

BOTAFOGO 0
FLAMENGO

NELSON COELHO

1992 O time do Vovô Júnior

Quem via Júnior, aos 38 anos, pulando feito criança depois de marcar um gol na final contra o Botafogo não imaginava o quanto aquela equipe sofreu. Carlinhos, o técnico, mesclou experiência e uma nova geração de talentos. Seis jogos sem vitória (incluindo um 2 x 4 para o Vasco) não assustaram. A equipe entrou nos trilhos a tempo e levantou seu quinto título nacional.

Em pé: Gélson Baresi, Gilmar, Wílson Gottardo, Charles, Piá e Júnior. Agachados: Júlio César, Gaúcho, Zinho, Fabinho e Uidemar

1995 Sem comemorações

Para comemorar 100 anos de glórias, Romário foi contratado. No banco, o técnico Wanderley Luxemburgo. No início, animador, a equipe despachou Vasco, Fluminense e Botafogo, com três gols de Romário, na disputa da Taça Guanabara. Parecia um bom começo, até que um gol de barriga de Renato Gaúcho deu o título ao Fluminense. E o ano do centenário passou em branco.

Em pé: Jorge Luiz, Róger, Charles, Gélson Baresi, Henrique e Marcos Adriano.
Agachados: William, Sávio, Romário, Fabinho e Marquinhos

1995 O ataque ficou no sonho

Sávio, Romário e Edmundo formavam o ataque dos sonhos rubro-negros. Mas depois de uma vitória e quatro derrotas nas seis primeiras rodadas do Brasileiro, os adversários, parodiando um comercial de TV, trocaram o apelido. E começaram a cantar: "Pior ataque do mundo — joga um pouquinho, pára um pouquinho, Romário, Sávio e Edmundo". O time foi o 21.° entre 24 clubes.

Em pé: Lira, Pingo, Fabiano, Agnaldo, Ronaldão e Paulo César. Agachados: Edmundo, Romário, Márcio Costa, Djair e Sávio

1996 Invicto pela quarta vez

Sai Edmundo, entram Amoroso, Marques, Iranildo e Mancuso. E a nova equipe passa pelo campeonato estadual como um trator. A superioridade foi tanta que o Flamengo tinha a vantagem do empate para conquistar a taça por antecipação contra o Vasco. O 0 x 0 garantiu o quarto título estadual invicto da história.

Em pé: Jorge Luiz, Mancuso, Róger, Márcio Costa, Ronaldão e Gilberto. Agachados: Zé Maria, Marques, Sávio, Nélio e Romário

1996 Presente de grego

A conquista do estadual iludiu todo mundo. A chegada de Bebeto iniciava a segunda versão do ataque dos sonhos. Romário, no entanto, foi embora e a torcida pegou no pé do baianinho desde a sua reestréia, em 7 de agosto de 1996, com derrota para o Juventude (0 x 1). Bebeto fez apenas sete gols e voltou para a Espanha com o Brasileirão ainda em andamento.

Em pé: Júnior Baiano, Zé Carlos, Fabiano, Athirson, Márcio Costa e Pingo. Agachados: Caíco, Bebeto, William, Rivera e Marques

1999 O melhor estava por vir

Flamengo e Vasco lideraram, invictos, a Taça Guanabara de 1999 (primeiro turno do campeonato estadual) até se encontrarem, na última rodada. O Vasco, dividido entre a corrida contra o rival e um duelo de morte contra o Palmeiras pela Libertadores, acabou perdendo tudo. Foi um show de Romário, autor do segundo gol da vitória por 2 x 1 que garantiu a presença rubro-negra nas finais do estadual.

Em pé: Clemer, Vágner, Fabão, Jorginho, Athirson e Luís Alberto. Agachados: Beto, Fábio Baiano, Iranildo, Romário e Leandro

1999 Novidade só na camisa

Pouco mais de 4 mil pessoas foram ao Maracanã no dia 21 de julho de 1999. Era o jogo de entrega das faixas do título estadual, contra o Grêmio. O Flamengo venceu por 1 x 0, gol do atacante Lê. A novidade foi a estréia de uma camisa toda preta como terceiro uniforme, usada pela primeira vez na história do clube. De lá para cá, por ordem de Romário, o time não posa mais para fotografias.

Em pé: Vágner, Marcelo, Fabão, Leandro Ávila, Maurinho, Célio Silva, Fábio, Róbson, Jorginho, Juan, Pimentel e Clemer.
Agachados: Reinaldo, Alessandro Rocha, Eduardo, Júlio César, Marco Antônio, Caio, Rodrigo Mendes, Bruno Quadros e Lê

O melhor de todos os tempos

ILUSTRAÇÃO ROGÉRIO VILELA

Em 1993, PLACAR ouviu rubro-negros famosos que escolheram o melhor time de todos os tempos.
Raul, Júnior, Mozer, Domingos da Guia, Leandro e Dequinha (em pé); Joel, Zizinho, Leônidas, Zico e Bebeto (agachados) foram os onze eleitos

50 vezes Flamengo

Zico, o herói de 18 dos 50 times da história flamenguista

Esqueça qual é o seu clube de coração, pense apenas como um estudioso do futebol. Agora imagine os 10 maiores jogadores da história do futebol brasileiro. Pelé? Pois o santista vestiu a camisa do Flamengo em 1979. Depois viria Garrincha, certo? Outro que jogou no rubro-negro. O terceiro da lista talvez fosse Friedenreich ou Leônidas da Silva. Os dois jogaram no time da Gávea. Uma relação dessas sempre permite divagações sobre uma série de jogadores. Mas seria injusto não incluir Zizinho, Romário, Sócrates, Gérson, Mestre Ziza. Todos passaram e deram muitas alegrias à torcida do Flamengo. Você sentiu falta de alguém nas linhas acima? A omissão é proposital. Arthur Antunes Coimbra é um capítulo a parte, ou, pelo menos, um parágrafo a parte. Zico é mais do que o melhor jogador da história do clube. Nasceu nas divisões de base da Gávea, cresceu em uma equipe mediana que, anos depois, conquistaria o mundo. Não é por acaso que Zico está em 18 dos 50 times do Flamengo dessa revista. Nas páginas que se seguem, aparecem Flamengos vitoriosos e derrotados, brilhantes ou apenas esforçados. É também uma boa oportunidade para viajar na evolução dos uniformes e pescar times que andavam perdidos em algum lugar da memória.

RONALDO KOTSCHO

EDITORA Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor de Recursos Humanos: Marcel Caig
Diretor Editorial Adjunto: Matinas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Nicolino Spina

ESPECIAL

Diretor Superintendente: Mauro Calliari

Diretor de Redação: Leão Serva

Diretora de Arte: Cristina Veit
Redator-Chefe: Sérgio Xavier Filho
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Editor Especial: Celso Unzelte
Subeditor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Chefe de Arte: Fábio Bosquê Ruy
Atendimento ao Leitor: Silvana Ribeiro
Colaboradores: Alexandre da Costa (Texto), Fernando Morra (Arte), Eduardo Monteiro e Rogério Pallatta (Foto)

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Zico, o herói de 18 dos 50 times da história flamenguista

Esqueça qual é o seu clube de coração, pense apenas como um estudioso do futebol. Agora imagine os 10 maiores jogadores da história do futebol brasileiro. Pelé? Pois o santista vestiu a camisa do Flamengo em 1979. Depois viria Garrincha, certo? Outro que jogou no rubro-negro. O terceiro da lista talvez fosse Friedenreich ou Leônidas da Silva. Os dois jogaram no time da Gávea. Uma relação dessas sempre permite divagações sobre uma série de jogadores. Mas seria injusto não incluir Zizinho, Romário, Sócrates, Gérson, Mestre Ziza. Todos passaram e deram muitas alegrias à torcida do Flamengo. Você sentiu falta de alguém nas linhas acima? A omissão é proposital. Arthur Antunes Coimbra é um capítulo a parte, ou, pelo menos, um parágrafo a parte. Zico é mais do que o melhor jogador da história do clube. Nasceu nas divisões de base da Gávea, cresceu em uma equipe mediana que, anos depois, conquistaria o mundo. Não é por acaso que Zico está em 18 dos 50 times do Flamengo dessa revista. Nas páginas que se seguem, aparecem Flamengos vitoriosos e derrotados, brilhantes ou apenas esforçados. É também uma boa oportunidade para viajar na evolução dos uniformes e pescar times que andavam perdidos em algum lugar da memória.

RONALDO KOTSCHO